

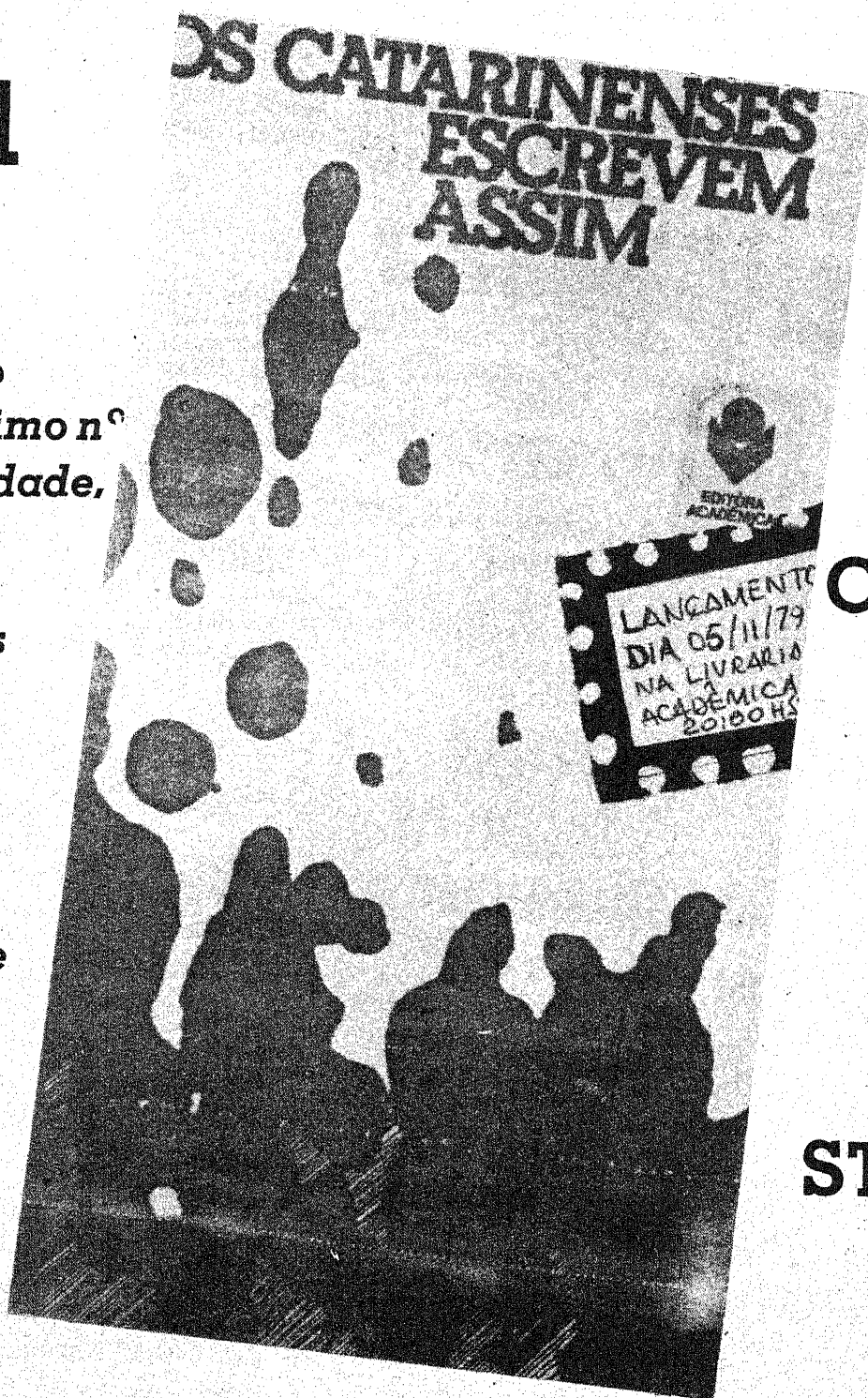
ACADEMICO

jornal catarinense de cultura

ANO V - nº 50 - NOVEMBRO 79 - BLUMENAU - SC Cr\$ 10,00

50+1

Na próxima edição estaremos comemorando o quinquagésimo nº – na oportunidade, faremos uma pequena festa onde os eleitos serão convidados... a última lembrança da reforma propalada que se avizinha!



FURB - BIBLIOTECA CENTRAL
PERIÓDICO

NAS PÁGINAS 6 e 7, CONHEÇA OS AUTORES CATARINENSES QUE PARTICIPAM DA MAIOR ANTOLOGIA DE POETAS JÁ EDITADA NO ESTADO DE STA. CATARINA.



**VICTOR JARA:
O CANTO
DO CHILE,
DEPOIS.....**

Pág. 2

**ASSOCIAÇÃO
CATARINENSE
DE ESCRITORES
TOMADA DE
ASSALTO.....**

Pág. 9

ARTES..... Pág. 4

LITERATURA... Pág. 5

LIVROS..... Pág. 10/11

EDUCAÇÃO... Pág. 12

EXPEDIENTE ACADÊMICO

Endereço - Rua Antônio da Veiga, 140
Caixa Postal 1124 - 89.100 - Blumenau - Santa Catarina - Brasil.
Jornal Catarinense de Cultura

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Mencão Honrosa" distribuídas pelas Parkes Pen do Brasil em todo o território nacional.

Fundadores

Seus fundadores são:

Oldemar Olsen Jr.
Maria Odete O. Olsen
Domingos Sávio Nunes
Roberto Diniz Saut
Fred Richter
José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, à polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformar.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Santa Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

Diretor Responsável - Oldemar Olsen Jr.
Jornalista Responsável - Honorato Tomelin Cart. n.º 37

Redatores - Maria Odete Onório Olsen, Roberto Diniz Saut, Domingos Sávio Nunes, Fred Richter.

Desenho e Arte - Sílvio Braga (Magru), Otto (Friez).

Diagramação - Júlio Augusto Souza

Correspondentes -

Florianópolis - Odir Nascimento
Chapecó - Marcos Antônio Bedin
Colaboradores - Blumenau - Lindolf Bell, Gervásio Luz, Norton de Azambuja, Eulália Maria Radtke, Beatriz Niemeyer Vilson do Nascimento, Bráulio Maria Schloegel, Edith Kormann, Enéas Athanázio, José Endoença Martins, Carlos Braga Mueller.
Florianópolis - Pinheiro Neto, Lauro Junkes Carlos Ronald Schmidt, Holdemar de Menezes, Theobaldo Costa Jamundá, Osmar Pisani, Emanuel Medeiros Vieira, Celestino Sachet, Glauco Rodrigues-Côrrea, Flávio José Cardozo.
Joinville - Carlos Adauto Vieira Alcides Buss
Campos Novos - Artêmio Zanon.
Brusque - Inês Mafra Luiz, Jorge Buss, Urda A. Klueger.
Lages - Wilson Antunes Júnior
São Paulo - Ignácio de Loyola Brandão, Péricles Prade, Plínio Marcos.
Rio de Janeiro - João Antônio, Marcos Konder Reis, Maura de Senna Pereira, Moacyr Felix.
México - Raimundo Caruso
Estados Unidos - Teresinha Pereira
Porto Alegre - Antônio Hohlfeldt, Marcelo Rech.
Curitiba - Pedro A. Grisa, J. Jacobs Pulls.
Londrina - Domingos Pellegrini Júnior
Jaraguá do Sul - Augusto Sílvio Prodöhl.

O CANTO DO CHILE, DEPOIS

O corpo do poeta cantor tremia de dor, as mãos decepadas, o povo estupefocado olhando as arquibancadas e os mortos se divertindo humilhando aquele que não podia se defender: "canta agora, filho da puta - gritavam -, quer um violão...? Victor Jara não vacilou levantou a cabeça e começou a cantar bem alto o hino da Unidade Popular, até sombar morto pelas rajadas de metralhadoras que os soldados dispararam. Nas arquibancadas o povo engoliu um grito imenso, infinito, diante de horror, do terror; engoliu infinito que todo o povo chileno vem ruminando para um dia vomitá-lo em cima desses monstros, que só então saberão que Victor Jara vive, e que suas mãos decepadas se multiplicam, e sentirão terror e pânico ver o Victor Jara de mãos de mãos infinitas entoando novamente seu canto Universal de amor e luta.

No dia 11 de setembro de 1973, as forças armadas chilenas bombardearam o palácio presidencial e os bairros operários de Santiago; mataram o presidente Allende e instalaram uma brutal ditadura militar. Dezenas de milhares de pessoas foram massacradas, advogados, mineiros, estudantes, operários, compositores, médicos, artistas. Muitos outros foram presos, torturados e perseguidos.

No dia 11 de setembro Victor Jara deveria cantar na abertura de uma exposição sobre os horrores da guerra civil e do fascismo, que aconteceria na Universidade Técnica, onde o presidente Allende também estaria presente. Ouvia pelo rádio as manobras militares que estavam acontecendo no país, e bombardeio da estação de rádio da Unidade Popular, o úl-

timo pronunciamento de Allende. Victor foi à Universidade menos de duas horas antes do bombardeio do palácio presidencial, respondendo ao chamado feito pelo presidente "a todos os trabalhadores, de permanecerem em seus postos de trabalho, pois naquele dia ele deveria cantar lá.

"Enquanto exista mentalidade burguesa a nova música tem de cumprir seu papel na luta contra ela. Enquanto exista o critério comercial dos meios de informação, lutaremos para colocar o povo na frente das coisas que nos pertencem, que nos identificam e nos fazem irmãos de outros povos" (VJ)

A universidade foi cercada e vários milhares de estudantes e professores ficaram presos dentro dela, e Victor Jara com eles. E contra eles os militares atiraram a noite toda, para impedir que alguém pudesse fugir. Os que tentaram fazê-lo foram mortos. Metralhados.

Na manhã seguinte, quarta-feira 12 de setembro às 9 horas, os militares invadiram a Universidade, prendendo estudantes e professores. Victor Jara foi imediatamente reconhecido, e foi alvo de tratos "especiais". Muitas testemunhas afirmam que ele se comportou de maneira corajosa, dando força moral e seus camaradas prisioneiros. Que ele cantou no campo do estádio, que eles cortaram as suas mãos e dois dias depois o mataram com tiros de metralhadora.

As notícias da morte de Victor Jara se difundiram rapidamente. Na televisão e na imprensa, nas mãos dos golpistas foi dito que Victor Jara morreu baleado, ao resistir à ordem de prisão. Desde dezembro de 1973 é proibido mencionar seu nome no Chile.

CUANDO 'VOY AL TRABAJO

Victor Jara

Quando vou ao trabalho penso em você.
Pelas ruas do bairro penso em você.
Quando enxergo os rostos por trás do vidro embaçado, sem saber quem são, onde vão, penso em você.
Minha vida, penso em você.
Em você, companheira de meus dias, e do porvir,
das horas amargas e da felicidade de poder viver,
trabalhando o começo de uma história, sem saber o fim.
Quando o período termina, e a tarde já vai esticando sua sombra pelo campo,
e ao voltar da obra, discutindo entre amigos, pensando questões deste tempo e destino, penso em você,
minha vida, penso em você.
Em você, companheira de meus dias e do porvir,
das horas amargas e da felicidade de poder viver,
trabalhando o começo de uma história, sem saber o fim.
Quando chego em casa você está lá,
e amarramos os sonhos...
Trabalhando o começo de uma história sem saber o fim.



VICTOR JARA

LA PLEGARIA A UN LABRADOR

(primeiro prêmio do festival de nova música Chilena Santiago 1969)

Levántate
Y mira la montaña
De donde viene
El viento, el sol y el agua.
Tú que manejas el curso de los ríos
Tú que sembraste el vuelo de tu alma.
Levántate
Y mírala las manos.
Para crecer, estrechala a tu hermano.
Juntos iremos
Unidos en la sangre
Hoy es el tiempo que puede ser mañana.

Librenos de aquel que nos domina
En la miseria
Traenos tu reino de justicia
E igualdad.
Sopla como el viento
La flor de la quebrada,
Limpia como el fuego
El cañón de mi fusil
Levántate
Y mírala las manos
Para crecer estrechala a tu hermano
Juntos iremos unidos en la sangre
Ahora y en hora de nuestra muerte
Amen.



Nova Geração de Máquinas

31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP - MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nercu Ramos, 157 - Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

ACADÊMICO
Jornal Catarinense de Cultura

CP 1124 - 89.100 - BLUMENAU - SC

CR\$ 200,00 VÁLIDA

POR UM ANO

Assinaturas

NOME _____

RUA _____

CEP _____

CIDADE _____

ESTADO _____

UMA CONVERSA DA CHINA

Oldemar Olsen Jr.

O homem sempre foi um animal curioso. Em função do grau dessa curiosidade muitas descobertas relevantes foram precipitadas. A curiosidade, pode-se acrescentar, é nata no homem, constituindo-se um fato essencial para as criações significativas de incorporação histórica.

A curiosidade é um instinto natural - nasce com o homem e desenvolve-se em função de sua consciência da realidade, pode-se afirmar, por conseguinte, que existem diferentes graus de "manifestações curiosas" em cada tipo de pessoa, dependendo da intensidade de sua consciência em relação à vida ao redor.

"PROIBIDO PISAR NA GRAMA", se existe alguma coisa capaz de nos incentivar a pisar nessa grama é uma placa com esse texto, o homem aceita o desafio motivado pela curiosidade de sentir o efeito do seu ato.

Eu tenho alguns amigos que se reúnem uma vez por semana num determinado bar para conversar e aliviar um pouco a tensão do dia a dia com um diálogo espontâneo sem muitas implicações colaterais.

Ali, a tertúlia é composta de advogados, sociólogos, economistas, engenheiros, jornalistas, publicitários, escritores, poetas, enfim, são classes distintas com formação profissional notoriamente diversificada.

Não sei ao certo o que nos une, mas arrisco um palpite: talvez a sobrevivência, através da discussão, desse pouco de cultura que nos resta.

O certo é que, lá pelas tantas, e isso é sintomático, passamos a falar da nossa sistema de governo.

No princípio, alguém sugere que centralizar o poder não pode dar certo; ao que o outro argumenta: é, mais o povo brasileiro ainda não está preparado para votar...ou que o problema do Brasil resolve-se em um único fator: Educação.

Uma crítica, outro tenta por-se na posição de chauvinista e defende, e a conversa se prolonga até um "gaiato" pôr lenha na fogueira, sugerindo que o Brasil precisa é de uns cinco anos de socialismo para endireitar.

O desafio foi lançado e todos ficam curiosos para conhecer a opinião de cada um sobre o assunto.

Afirma um: o socialismo tornaria o povo brasileiro mais disciplinado e resolveria todos os problemas simples de escola e alimentação, por exemplo.

---Mas como, vociferou outro: então você não acredita na iniciativa privada, no livre empreendimento, na força do trabalho capaz de promover o homem a um outro nível social?

Você está sendo incoerente, está



indo contra um dos princípios básicos dos ocidentais.

Esperem, justifiquei, segundo Mao Tsé Tung (e nisso eu concordo) acrescentei, numa sociedade, as mudanças importantes são devidas ao desenvolvimento de suas próprias contradições. E o que nós temos, são dois sistemas que estão tentando sua hegemonia no mundo, e nessa luta constante na tentativa de se provar quem é o melhor, quem ganha é a filosofia, gerando teorias capazes de (cada uma delas) produzir revoluções nos costumes e modos de vida.

Não concorda, afirmou alguém mais, tomando parte no diálogo, sou mais drástico em termos dessa revolução, e também citando Mao Tsé Tung, a revolução é uma insurreição, é um ato de violência pelo qual uma classe derruba outra. Apoiar o que o inimigo combate e combater o que o

inimigo apoia, parece ser esse o "slogan dos chineses"

Todos opinavam sobre o tema e até se dizia que Mao tinha consciência das duas principais forças que eles deveriam combater: o dogmatismo e o revisionismo. O primeiro porque tornava (sob o ponto de vista metafísico) o marxismo como algo rígido e por conseguinte, com o decorrer do tempo, desatual; e o segundo, porque negava os princípios básicos da teoria Marxista tornando-a inútil.

Há quem chame tudo isso de oportunismo de direita, acrescentei, completando o palavriado do colega.

A conversa avançava noite adentro aparecia com todas as características de um "Diálogo da China," até que se sugeriu para se falar de futebol porque não adiantava estarmos conversando fiado.

---E, disse alguém, isso é in-

teressante para se conhecer a história, vale como cultura.

Talvez a última frase dita tivesse algum fundamento, afinal, parecíamos uns saudosistas utópicos tentando nos convencer do que a cultura tinha algum valor... restava saber para quem?

Lembrei de Marx quando ele afirmou que a filosofia precisava dispor de uma arma material capaz de fazer prevalecer praticamente e socialmente o ideal do humanismo e sugeriu que essa arma era o proletariado.

Quanto à filosofia e a cultura estava bem, nós trocamos idéias sobre; porém, o proletariado não se enquadrava em nossas vidas. Afinal, nós estávamos reunidos um dia por semana tomando cerveja e comendo salgadinhos, além de conversar simplesmente.

Então o Mao estava certo quando dizia que uma revolução exige um partido revolucionário. O materialismo dialético que citávamos em nosso bate-papo era algo oral, de boca. Não havia integração entre a teoria e a prática e a conversa era mais para excitar os conhecimentos cada um sobre o tema em pauta unicamente aceitando mais um desafio para sentir o seu efeito em nós mesmos.

Aquela conversa da China, encerrou-se com a opinião de Mao sobre a religião, lembraram que tinha muito de verdade. Dizia que o judaísmo e o cristianismo são frutos de uma sociedade dividida em classes e são ideologias impotentes para combater a exploração do homem pelo homem. Funcionam como ópio, pregando o comodismo e a resignação e se quisermos libertar o homem de suas ilusões precisamos mudar o mundo que torna necessário essas ilusões.

---E a igreja junto com alguns conceitos, terá que evoluir com a sociedade moderna sob pena de ficarem desatualizados e sem seguidores, afirmou alguém, para completar.

De certa forma aquele entrevisto coloquial que durara duas horas, versando sobre Marxismo e Maoísmo e mais um nem sei quanto de "ismos", mostrava que se poderia discutir qualquer problema ou teoria e todos, provavelmente teriam uma opinião particular sobre o assunto, o que tornaria, invariavelmente todos os bate-papos interessantes.

O socialismo não daria certo no Brasil, afirmei para todos, e posso provar.

Realizamos, a título de experiência, na cadeira de sociologia isso no tempo da secundária ainda uma pesquisa de campo com o intuito de verificar entre os matutos do interior desse Brasil imenso, o potencial, se é que havia, para a receptividade de uma eventual doutrinação socialista encetada (quem sabe) por um grupo comunista qualquer.

E o resultado foi esse:

O sertanejo interrogado sobre a desigualdade de classes

Perguntamos se ele sabia que haviam pessoas que possuíam vários automóveis luxuosos e que haviam outras que não possuíam nenhum, por mais simples que fosse?

---Saber, nós sabemos, afirmavam, mas nós não temos nada.

---E sobre outros que possuem diversas casas enquanto a maioria não tem onde morar?

---Saber, nós sabemos, mas nós não temos nada.

---Vocês sabem que existem elementos que possuem enormes quantidades de terras enquanto outros não tem nem onde caírem mortos?

---Saber, nós sabemos, mas nós não temos nada.

Essa era sempre a resposta, invariável e lacônica que sintetizava - inconscientemente - a consciência do existencialismo sortreano. o nada.

O sertanejo interrogado sobre as redistribuições e divisões das riquezas, perguntamos:

---Se você fosse o dono desses automóveis e os seus vizinhos não possuísem nenhum, você dividiria com eles?

---Se eu tivesse, nem que fosse só um, eu já dividiria com meus semelhantes, respondeu-me o nativo.

---Se você tivesse mais de uma casa e os seus vizinhos não possuísem nenhuma, você dividiria com eles?

---Se eu tivesse, nem que fosse uma só, eu já dividiria com eles, respondeu novamente.

---Se você tivesse uma enorme quantidade de terra e os seus vizinhos, nenhuma terra, você dividiria com eles?

---Se eu tivesse, nem que fosse um pedacinho só, eu já dividiria com eles, disse-me finalmente.

Nós ficamos intrigados com tanta benevolência e bondade num sujeito sem cultura nenhuma, sem formação que não aquela, fundada somente na sua observação do dia a dia e no trabalho duro.

Eu estava realmente intrigado com as minhas conclusões, quando resolvi indagar ao aborígine sobre uma rês, que tinha visto pastando ali nas proximidades.

---E aquele rês, perguntei, você dividiria comigo se soubesse que eu não possuio nenhuma?

---NAO! foi a resposta irritada do caboclo

---Mas como assim, você afirmou que dividiria tudo: o carro, a casa, a terra, e agora diz que não divide uma simples vaca que não vale um centésimo dos bens anteriores.

Ao que ele respondeu:

---Não divido, porque a vaca eu tenho.

MORAL DA HISTORIA - As pessoas que lutam pela redistribuição das riquezas são, geralmente, aquelas que não possuem nada.



FINASC

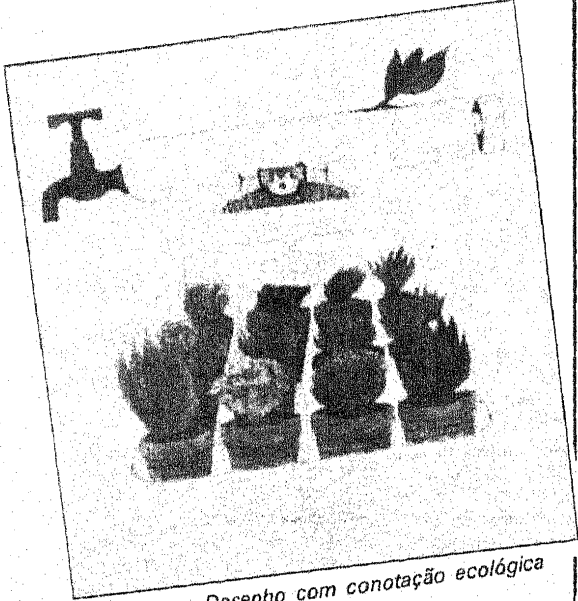
Somando recursos para multiplicar benefícios

EDSON BUSCH MACHADO: NÃO À VIOLÊNCIA

Lindolf Bell



A arte se impõe desde o princípio como um desafio. O artista aceita o desafio ou se ludibria. Ou se entrega inteiro ou se desintegra.



Desenho com conotação ecológica

Acompanho Edson Busch Machado desde algumas obras iniciais. E sua aceitação do desafio da arte e da cultura em geral, tem sido um exemplo de dignidade.

E como se estrutura esta dignidade neste artista joinvilense?

Consciência de liberdade; a misteriosa e intransferível vigilância do artista contra o poder do homem sobre o homem; denúncia do terror do homem contra a natureza; a inquietação contra a aceitação da deformação do sentimento geral do povo; trabalho intenso contra bajulação e hipocrisia, eis alguns significados legíveis de sua trajetória em construção.

E, plasticamente, como Busch Machado transmite estas coordenadas?

Pela extrema simplificação, redução de excessos ao essencial; proposta de uma simbologia que carece de iniciações sofisticadas de estética e conhecimentos profundos de história de arte. É uma simbologia colhida no dia-a-dia, capaz de ser interpretada pelo conhecimento do coração das pessoas simples.

Há em sua obra uma ideologia de resistência ao artificialismo. Um mergulho na denúncia, ao mesmo tempo, uma pulsação em direção à beleza. Uma face da noite, outra o dia. Um sim à vida, um não à sombra e à violência.

Os desenhos de Edson Busch Machado, à bico-de-pena e lápis de cor, se estruturam de alguns temas fundamentais, e, imediatamente, re-

conhecíveis como dados de identificação da obra do autor.

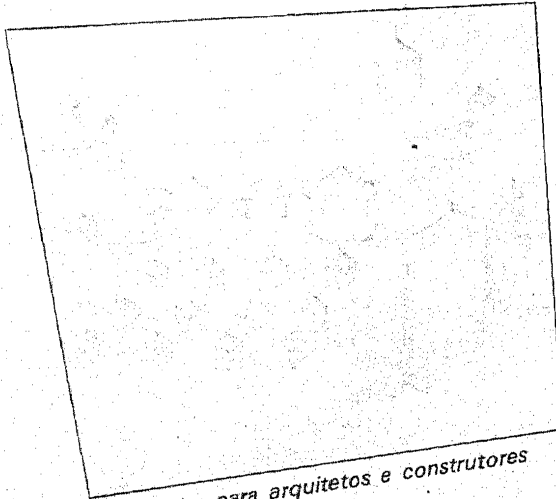
O primeiro tema é a arquitetura das antigas casas coloniais, as casas-raízes mais humanas de conviver e sobreviver, raízes das quais pouco resta. O contraste desta visão nostálgica, é a superposição de prédios-cubículos, sem janelas, sem comunicação, uma visão feita espelho e reflexo do homem contemporâneo, cada vez mais sujeito à solidão e à angústia dos espaços vitais mais e mais reduzidos.

As casas-raízes, as casas de enxaimel, desvestidas de sua função residencial, metamorfoseiam-se, em estruturas e gaiolas transparentes. Uma gaiola dentro da outra, os espaços cada vez mais acanhados e sufocantes.

Pátios de cimento, transformam-se em hortas de legumes e perplexidade.

Permanece nesta obra em construção, um tema de antiga predileção, as máquinas, agora, refinadamente elaboradas, pelo uso da linha e da cor. As máquinas reinventam paisagens destruídas; propõem o jogo da memória, da saudade, onde coabitam os gramofones e as teclas das máquinas de escrever transformadas em letras de sopa da sociedade de consumo (ou seriam elementos da glória geral?)

Estas máquinas transmitem o ridículo e o trágico das transformações da sociedade de consumo, numa enxurrada de superficialidades impostas ao



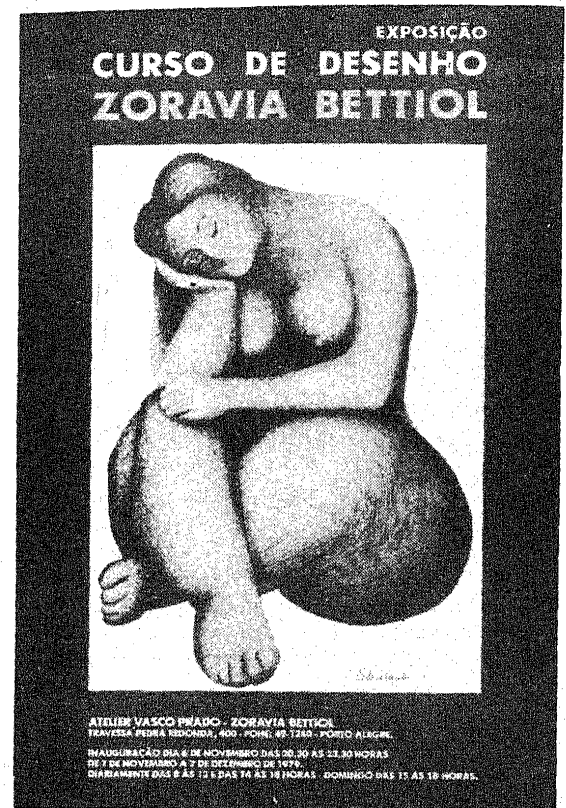
Máquina para arquitetos e construtores

homem.

O desenho da casa azul, hermeticamente fechada, tendo como única fonte de luz as estrelas do céu, agarradas às paredes sem porta nem janela, fala de uma ironia e de um cinismo, como regra de conduta.

Uma regra de conduta contra a qual o artista sempre se levantou em sua trajetória de esperanças. Trajetória na qual a obra de Edson Busch Machado se integra sem vacilações.

UM CONVITE DE ZORAVIA BETTIOL



EXPOSIÇÃO
CURSO DE DESENHO
ZORAVIA BETTIOL

ATELIER VASCO PRADO - ZORAVIA BETTIOL
TRAVESSA PEDRA REDONDA, 400 - FONE: 49-1240 - PORTO ALEGRE.
INAUGURAÇÃO DIA 6 DE NOVEMBRO DAS 20,30 AS 22,30 HORAS
DE 1º DE NOVEMBRO A 7 DE DEZEMBRO DAS 19,00
HABITUALMENTE DAS 8 AS 12 E DAS 14 AS 18 HORAS. DOMINGO DAS 11 AS 18 HORAS.

Porto Alegre, 31 de outubro de 1979

Prezada Odete

Espero que estejas bem.

Peço-te a gentileza de noticiar o que mandei e gostaríamos que viesse tomar um drink conosco terça feira:

Inaugura-se dia 6 de novembro às 20,30 horas no nosso atelier a exposição de desenho de meus 16 alunos.

Eles apresentam 48 desenhos nas técnicas de lápis, aguada, pena e técnicas mistas.

A mostra é o resultado do primeiro ano de estudos do curso que terá a duração de 3 anos.

Os temas variam entre naturezas mortas, paisagens e detalhes da figura humana

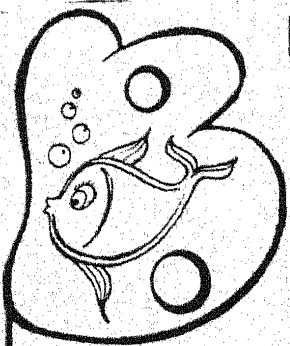
quer sejam em trabalhos de observação, documentação ou interpretação.

Um dos objetivos do curso é o desenvolvimento e aprimoramento da personalidade através da expressão gráfica. Apesar de pouco tempo já se pode constatar diferenças, quer no tratamento plástico do tema como na tendência de valorização da cor ou da forma nos trabalhos apresentados.

Os alunos sempre tiveram participação ativa na escolha dos modelos, na crítica dos trabalhos ou em quaisquer atividades culturais que realizamos.

Muito obrigada e um abraço da

Zoravia Bettiol



**BLUMENAU
MODAS**

CHEGUE PERTO
DOS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS

RUA CURT HERING, 322 - BLUMENAU - SC

ITB

INSTITUTO TÉCNICO
BLUMENAUENSE

CURSOS: Decoração, Des. arquitetônico
Des. de máquinas, Des. artístico e publicitário,
Des. de perspectivas, Des. de instalações prediais.

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - CONJ. 65
ED. BRASÍLIA FONE: 22-5681

— ESSA É UMA BOA —
CLUBE DO DISCO "MERCADÃO"

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1336
ED. BRASÍLIA - BLUMENAU

SEM INSCRIÇÕES - SEM TAXAS
SEM MENSALIDADES → SÓ VANTAGENS
PREÇOS ESPECIAIS E MUITOS BRINDES
PARA VOCÊ.

ATUALIZE A SUA DISCOTECA COM
POUCO DINHEIRO.

TRANSBLU
TRANSPORTES E SERVIÇOS LDA.

SÃO PAULO · BLUMENAU
- PRÁ QUEM TEM PRESSA -

POEMAS TRADUZIDOS

C. RONALD

SEBASTIAN S. BONDY- Nasceu no Perú em 1924. O poema traduzido é de um universalismo pouco encontrado na maior "latino-rica" americana. Obras: "Máscara do que dorme", "Cadernos da pessoa escura" e "Olhos do pródigo."

NATAL DO AUSENTE

Eu sei que longe, a esta hora, alguém

estará enfeitando o pinheirinho de Natal e acenderá as falsas estrelas da sua copa.

Eu sei que alguém bebe a oscilação ao tênue compasso de uma valsa peruana

agitando a ordem familiar de dezembro.

Estará servida a mesa e em torno dela as cabeças não se virarão para ver como chego a esse convite e tomo o meu assento de filho mais velho e canto e me embriago e rompo o silêncio com algo mais ardente do que um cartão postal.

Direi a eles, "Feliz Natal", como se dissesse: "retorno sempre", porque amo essa paciente quietude onde o tempo sem pressa lava pausadamente a felicidade no avesso oculto da penúria.

Eu sei que longe, estas hora, alguém como uma ave ao meu encontro remonta as distâncias e me recebe alegre, alegre.....

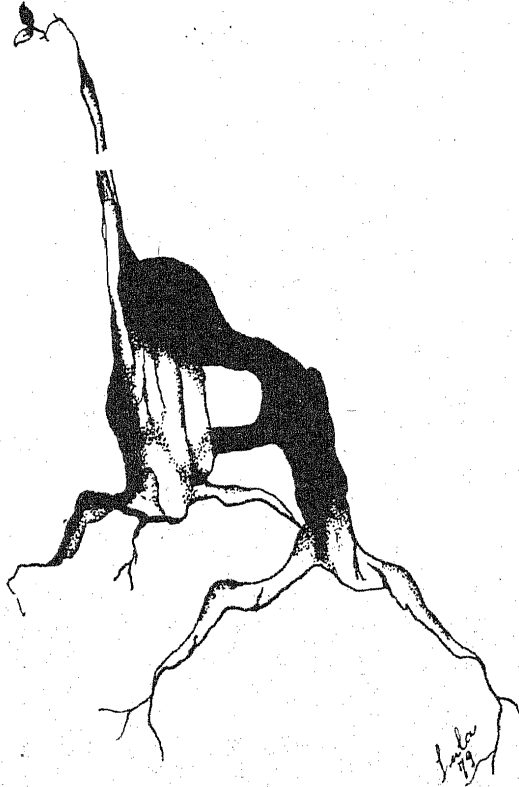
O PÁSSARO

Lindolf Bell

O pássaro conhece o horizonte. A redondez da terra. E a primavera que anuncia no canto solitário.

O pássaro não sabe que eu sei, solitário, atrás da vidraça, esta coisas que ele sabe.

Mas o pássaro sabe de coisas que nunca saberei atrás das vidraças.



SE FOR POSSÍVEL

José Endoença Martins

Se for possível fazer do verso não lido uma pistola fria, uma intencional adaga cortante uma espada de palavras cruas, enfim, um bisturi sonoro, sem anestesia, que abra abrigos no corpo dos mortos. Se for possível fazer o verso de feitos e fatos e fetos partidos de fome nos últimos porões insuspeitos da cidade sitiada por nós mesmos. Mais do que fazer o verso, fazer a valsa, fazer a farsa no tablado diário -de cada ano- antes que caia o pano. Tudo isso se for possível.

INICIAÇÃO

Rosemary Muniz

Moreira Fabrin

Hoje num rasgo a esperança nasce rebentam-se as algemas da alegria libertando os sonhos. Nossa loucura e sensatez anônima se faz artista pela vida na proletária da palavra tantas vezes abortada.

E preciso então mais uma vez começar tudo de novo já e agora que é hora pra uma nova iniciação: porque ainda é cedo mesmo sendo tarde, se acreditamos nós na vida de esperanças resumida em novo ano que nasce!

VOU VOLTAR

Anita Belle Flanders Rebelo

vou voltar... encarar a verdade- dos outros... abandonar minhas ilusões, insignificantes faíscas perdidas na lava dos vulcões

Quis fugir... fingir "normalidade"- dos outros... restringir meus atos,

desesperados pássaros presos na gaiola dos zoológicos.

Esperei reter... reaver o passado- dos outros... viver realizações alheias, murchas moribundas flores condenadas na água parada dos jarros.

Tentei encontrar... alcançar a meta-

dos outros... perpetuar um amor fugidio, efêmero pôr do sol esvaiando no espaço dos horizontes.

Vou voltar... encerrar o fim- dos outros... lutar pelos direitos, desprezados maduros frutos apodrecidos nos galhos das árvores.



LIVRARIA ACADÊMICA

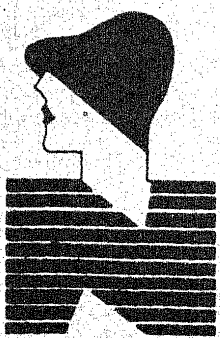
AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina



nô-ella boutique

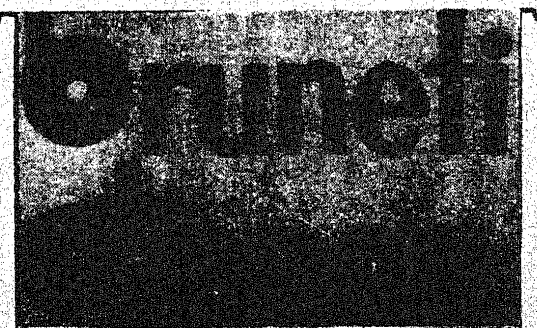
Rua Paul Hering, 90
 Ed. Kennedy - 80 Sobreloja
 Fone: 22-0937 - Blumenau - SC

JOAÇABA COLOR

REVELA O "CLIC" COLORIDO & PRETO E BRANCO DE SUA VIDA - EM 48 HORAS -

VENDAS DE MATERIAL FOTOGRÁFICO EM GERAL

RUA RODOLFO FREYGAND, 19 FONE 22-2157
 ESQ. BEIRA RIO BLUMENAU - SC
 - AO LADO DA HABITASUL -

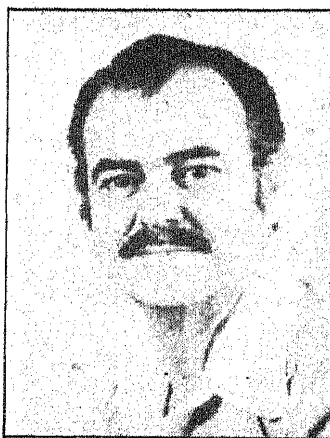
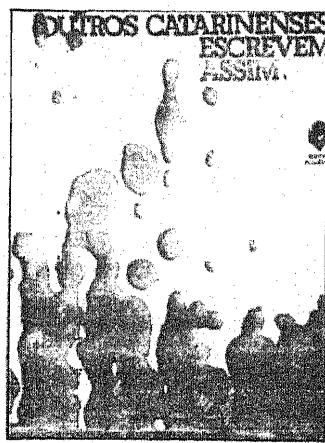
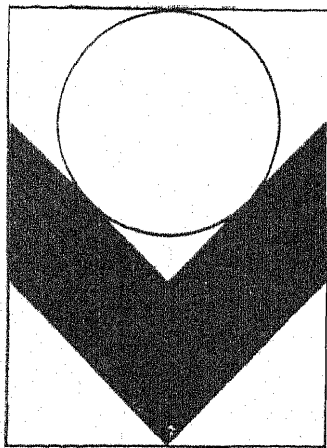


• FLORIANÓPOLIS • CURITIBA
 • BLUMENAU • PONTA GROSSA

OUTROS CATARINENSES

ASSIM

A não signi-
-não só pelo n
dos textos apr
e dados biogr
lançamento s
Florianópolis,
14 de dezemb
às 20:30 hora



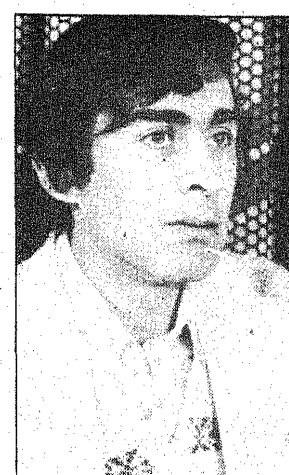
**LIVRARIA E EDITORA
ACADÊMICA**
Rua Antônio da Veiga, 387
Blumenau - SC - CP 834
89.100

ABEL B. PEREIRA
"O poeta fica preso à sua
sensibilidade. E não é preciso
que se lhe entenda. Mas é
imprescindível que se sinta
a sua sensibilidade".

ADILSON PACHECO —
"A arte de escrever
talvez não esteja incluída
entre as dez maravilhas
do mundo, mas é a mais
bela de todas".

ALCIDES BUSS
Julgo de maior importância,
justamente, o aspecto
verbicovisual da linguagem
poética capaz de,
simultaneamente, criar condições
de comunicação verbal
e não-verbal".

ANTONIO J. CARLI
"O poeta, o artista
um modo geral, é u
angustiado porque
antecipado ao seu tem



CIRINEU M. CARDOSO
— "Sou poeta do canto geral
comprometido com a
existência testemunha dos
segredos das prisões, das
sevícias, torturas
e grilhões!".

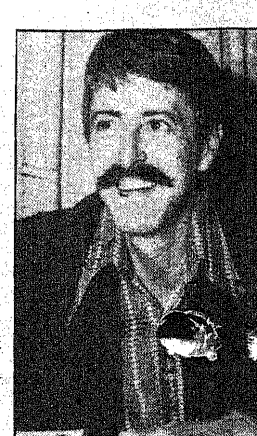
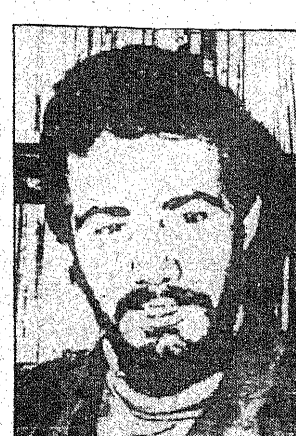
DOMINGOS S. NUNES
—"Pensando bem,
eu sou um raro".

EULÁLIA M. RADKE —
"Cedo percebi que o mundo
é uma imensa
proibição - quando
não se tem coragem".

FRED RICHTER
—"Por outra vida
espero, às vezes,
compassivo"...

INÁCIO J. DE SOUZA —
"Precisamos caminhar no Sol,
na chuva, com o
povo, precisamos ligar
os caminhos, aprender as
lições da vida".

INÊS MAFRA
"Escrever é uma
Procurar a verdade
um desafio
que me fascina



MARCOS K. REIS
"O pássaro do louvor
pousa nas cabeças
iluminadas,
e muda de
lugar quando se apagam"

MARIA O. OLSEN
"Das flores e da beleza
tudo já foi dito e
tocado. Urge mostrar o
fedor das tocas".

MAURA DE SENNA
"Exista ou não uma
crítica, algo deve
existir: a autocrítica".

ODIR NASCIMENTO
"Escrever é mais do
que uma obrigação,
é uma necessidade".

OLDEMAR OLSEN JR.
"Não devemos ser coerentes
apenas para sermos
agradáveis, mas
poderemos ser opositores
para sermos úteis".

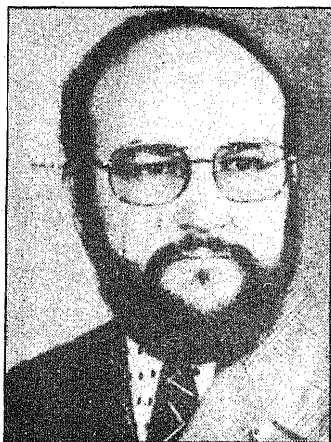
OSMAR PISANI
"Escrever é
um ato de fé"

POETAS ESCRIVEM

significativa antologia de poetas já lançadas no estado de Sta. Catarina pelo número de poetas reunidos nessa obra, como também, pela qualidade dos apresentados. São 360 páginas. Cada autor apresenta além de uma fotografia biográfica, também, cinco poemas e um depoimento sobre o Ofício de Escrever. O primeiro lançamento será efetuado em Blumenau - dia 07 de dezembro na Livraria Acadêmica às 20:30 horas, em Joinville dia 13 de dezembro na Fundação de Cultura às 20:30 horas, em Caçador dia 15 de dezembro em local a ser determinado, em Joinville dia 15 de dezembro em local a ser determinado, em Caçador dia 15, no Clube de Bochas às 20:30 horas e o último lançamento será em Canoinhas em lugar a ser determinado.



CARLINI —
"Artista de geral, é um porque vive seu tempo".



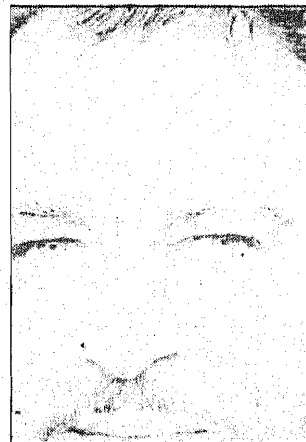
ARTÊMIO ZANON —
"Escrevo porque tenho necessidade de falar comigo mesmo, ainda que seja no silêncio".



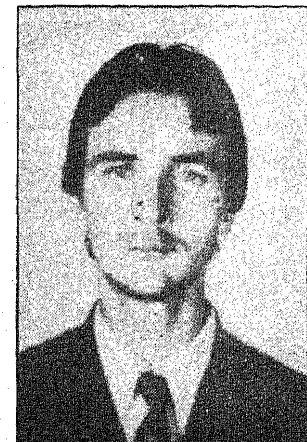
BEATRIZ NIEMAYER —
"A alma poeta tem uma necessidade vital de articular a vida, de desfraldá-la, fazê-la ressuscitá-la e, sobretudo, de vê-la pulsar em todas as outras almas e de todas as misteriosas maneiras".



BRAULIO M. SCHLOEGEL —
"Da melancolia não sei dizer muitas palavras, o meu mundo, a minha dor, a minha angústia não sei onde começa ou onde acaba".



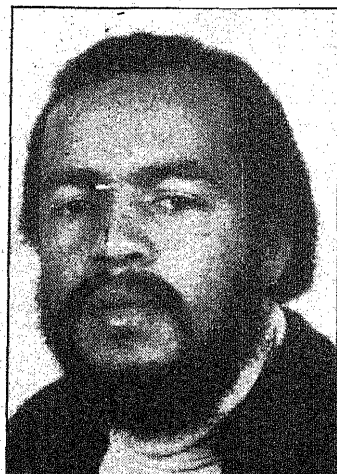
CARLOS RONALD —
"O importante não é saber que chegamos em primeiro lugar, mas que chegamos a algum lugar pela primeira vez e fomos os melhores".



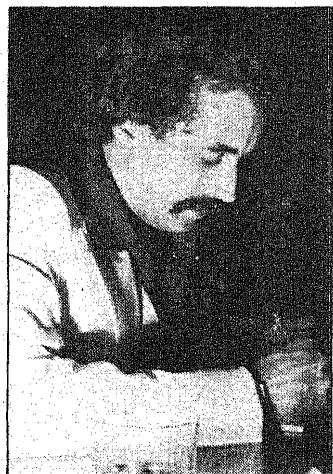
CELSO VICENZI —
"A procura da verdade e da justiça. Estes os impulsos básicos que me levam a escrever, quer como jornalista ou poeta".



AFRA —
"É uma busca. A verdade é desafio fascina".



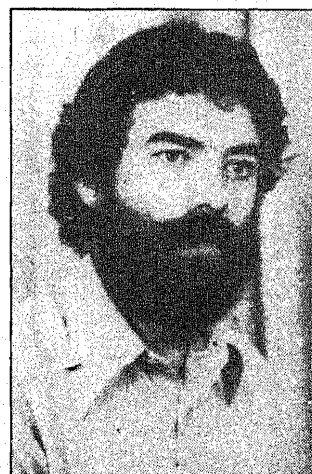
JOSÉ E. MARTINS —
"Escrevo porque acredito no meu trabalho e tenho certeza que o reconhecimento deste trabalho virá. É uma questão de tempo, espera e paciência".



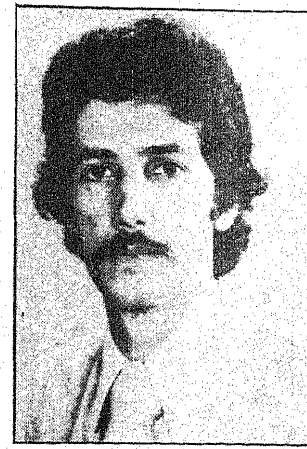
PINHEIRO NETO —
"Hoje não existem padrões, escolas, dogmas ou regras, a serem seguidas ou respeitadas pelos escritores ou artistas".



LUIS —
"Tenho uma parte apenas do poeta: o amor pela vida. O resto é igual a todo mundo: a alma cheia de esperança por tempos melhores".



LUIS M. MENDES —
"Urge que algo seja feito, pois, caso contrário, seremos eternamente (e tristemente) o país do futebol".



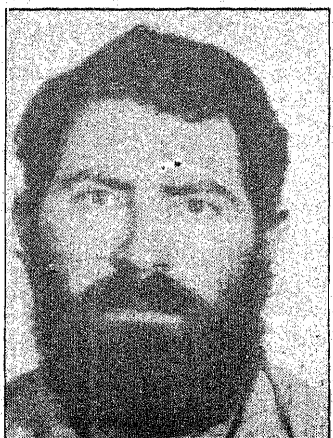
LUIS C. NUNES —
"O poeta não tem o mínimo compromisso com as direitas ou com as esquerdas, com o centro ou com a terceira força. Seu único compromisso é com".



SANI —
"r é fé"



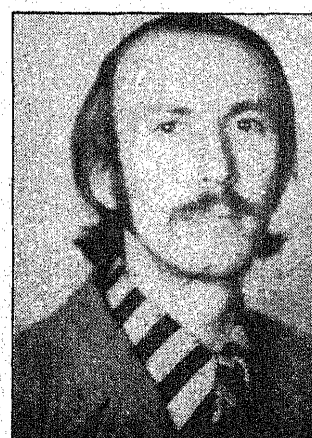
PEDRO A. GRISA —
"Também da terra barriga-verde - ainda há esperanças".



RAIMUNDO CARUSO —
"O poema é uma extensão do autor como a roda é do pé. Não há outra opção".



ROBERTO C. BELLI —
"Seja lá qual for o motivo por que escrevo, confesso que tento fazê-lo da melhor forma possível".



SIMAR BOHRER —
"Estamos onde está a poesia, a poesia existe onde nós existimos".



VILSON DO NASCIMENTO —
"Desde cedo, tive um acentuado fascínio pelo desconhecido, pelo misterioso, pelo fantástico".

O BOM JUCA JACU E O SÁBIO PhD

Lauro Junkes

Crítica

José Curi estreia na ficção com um volume de histórias que se situam claramente numa linha de farsa e de sátira. JUCA JACU & CIA (Florianópolis), Editora

Lunardelli/UEDESC Editora, 1979), retomando, embora em outras proporções, a linha buscada pela sátira de nossos poetas Marclino Antônio Dutra e Ogê Mannebach e cria mesmo um tipo literário caricaturesco, à semelhança do que fizeram Monteiro Lobato (Jeca Tatu) e Mário de Andrade (Macunaíma).

Situando-se entre o conto e a crônica, os textos do volume plasmam, metamorfosejam e mitificam a encenação da própria vida. E a partir de uma perspectiva bastante uniforme e constante, desconcertante universo de ironia a sátira, aos poucos se corporifica. De Rio dos Cedros a Ranulândia, do primitivo Jacu à culta Babette, do sábio PhD ao ingênuo Fonjo, da fineza de Madame ao cinismo de Mobuk, da sabedoria do burro ao triunfo da égua Líbia, flui e cria consistência todo um universo de dupla polarização, em que o ingenuamente natural se confronta com o sofisticadamente artificial, em que o real e o absurdo coexistem, em que a farsa é encenada pela própria platéia.

De contos típicos como "A Professora e o Burro", "O PhD e a Égua", ou "Fonjo", passando pela narrativa mítico-poética de "Juca Jacu" ou pelas incursões profundamente dissertativas de "Pacote de Idéias", "Madame e a Linguística" ou "Babette e a Vaca", chega-se à contundência cínica de "Mobuk" e à assestada sátira de "Carta Semipoética de Rondelo ao Bom Jacu". Estranho cosmos, que se revela coeso através do tom fundamental inalterável.

Os dois contos — "A Professora e o Burro" e "O PhD e a Égua" — enfocam um elemento mimético constante nos vários textos: a descaracterização e desconstrução para com a atividade do magistério. Em ambos os contos, temos, de um

lado, o profissional dessa área e, de outro, o animal, adjetivamente considerado antípoda. No entanto, o paradoxo toma consistência através da aproximação, compreensão e mesmo identificação desses contrários. A sátira não poderia ser mais direta e veemente. Em diversos outros textos a desconsideração para com o magistério é atacada: Juca Jacu é afastado do magistério por alegação de demência e substituído por açogueiro (conotação à livre escolha do leitor!); em "Carta Semipoética" a atividade magisterial é incisivamente pintada com realismo:

"Se crês no magistério, ministério, Bolso vazio e mente atormentada..."; "Babette e a Vaca" revela-se cínico no tratamento da cultura e do magistério, havendo ainda referências à mesma atividade nas divagações da professora Sexburba (sic!), bem como na dissertação de "Madame e a Linguística". Aliás, esses dois últimos estão particularmente relacionados com a linguística, o que configura, para o autor, maior aproximação entre ficção e realidade.

Além dos dois contos acima destacados, "Fonjo" também se estrutura de forma orgânica dentro desse gênero. Caricaturizando a ingênua figura do colono e a carnavalesca alma brasileira, o autor contrapõe dois ambientes — o rural e o urbano — e duas civilizações — a ingenuamente primitiva e a sofisticadamente organizada — para assestar novamente sua crítica, agora contra a interferência política.

E por falar em política, nada mais contundente do que a fineza do cinismo desse enfoque à antropofagia política de "Mobuk", através da aproximação paralelística entre o político que morre e porco no pasto.

Mas, já "Mobuk", como também o mítico e contraditório "Juca Jacu", as incertezas e dubiedades de Beppi em "A Volta" e as divagações do anseio núbil de Sexburga em "Medoum" não apresentam mais a mesma organicidade narrativa, enveredando pela descontinuidade, ausência de motivação e de desenvolvimento lógico, conotando mais do que declarando.

Já com "Babette e a Vaca" estamos

em plena dissertação, quando Babette defende sua tese de mestrado sobre "a vaca, da vaca e pela vaca". A "Carta Semipoética de Rondelo ao Bom Jacu", em forma versificada, é aberto ataque irônico, destacando-se a força do estribilho: "Considera-te homem, bom Jacu".

De imbecis há milhares como tu". "Madame e a Linguística" prossegue no mesmo nível, agora em forma de meditações sobre as disposições inatas e a aquisição experiencial, sobre o conhecimento sensível e o conceptual. E mais diretamente dissertativo ainda é o "Pacote de Idéias" que Jacu, desmistificado, envia ao sapateiro-filósofo Rondelo, vergastando os descaminhos "sábios" de nosso tempo.

E na irreverência irônica e cínica do autor, muitas vezes é difícil discernir até onde vai o sério e onde parte para a apelação. Essa sensação é reforçada muitas vezes pela descontinuidade e pelas enumerações caóticas (aliás, muito sugestivas e às vezes poéticas), como em "Juca Jacu":

"Jacu restabeleceu-se. Tomou, sofredamente, na porta do hospital, mais um sorvo do suor frio da idiotice. Ajoelhou-se aos pés do alta dos sacrifícios — ALTAR DO MAGISTÉRIO — e professou os votos de pobreza, obediência e mansidão". (p. 15).

Outras vezes tal descontinuidade e caoticidade é completada pela ausência de fronteiras entre o real e irreal, ou pela sinestésica fusão do concreto com o abstrato, como, por exemplo, é o início de "A Volta" que introduz, de imediato, o "tonus" da dubiedade que caracteriza o espírito de Beppi:

"Uma névoa espiritualizada se abraçou à natureza, nascendo belo e santo um conúbio de cores. Um deus-lavadeira enrolou o horizonte-tálamo e exprimiu dele filetes de púrpura. Destilou-se sobre a terra uma tarde roxa. Tropeçou na vida? Atrasou-se?...". (p. 39).

Essas aproximações ao mágico e absurdo traduzem ainda a irrisível ironia e sátira, como ela se manifesta quando o PhD Inocência triunfa com sua égua na sofisticação da cidade:

"E Inocência, PhD, perdeu a paz. Teve que dar umas aulas sobre a arte de bem cavalgar a algumas cocotes da Ilha. Foi entrevistado sobre a comunicação animal, concluindo que se Líbia não falava ainda, era questão de tempo, pois, de tão feminina que era, tão loquaz se tornaria. Numa roda de economistas teve elogios a Líbia, pois que ela, apesar de adorar a razão balanceada, não desprezava o capim, dada a mãe natureza. Fez ver num bate-papo entre veterinários que Líbia refletia na saúde física um estado 'Ad hoc' de saúde mental e entre filósofos defendeu acerbamente a clareza e a lógica de Líbia nos raciocínios difíceis, resolvidos por ela a coices" (p. 54).

Observe-se, ainda, que, nas entrelinhas desses textos, Curi questiona constantemente as implicações do desenvolvimentismo, da sofisticação, do dinheiro que tudo compra, dos conhecimentos que tudo pretendem devassar. O homem sofisticado, extremo de uma linha, chega a identificar-se com o homem novamente bestializado, extremo de outra linha, fechando um círculo vicioso. E tudo denuncia um fundamental problema de alienação, pois a vivência automatizada deixa-se arrastar por engrenagens sociais, por motivação puramente externa, em detrimento de valores conscientes e espirituais.

E assim, sobre um permanente substrato de cultura clássica, a linguagem vigorosa, calcada em expressiva seleção vocabular, imprime marcante personalidade à cosmovisão revelada. A frase escrita encerra tal dinamismo impositivo que parece mesmo enunciar aquela incisiva vibração de inata eloquência de José Curi.

JUCA JACU & CIA vem para desacomodar, para desestruturar, para desinstalar. A ironia constante, o vergaste da sátira e a inclemência da farsa questionam todas as bases tradicionais do "homo rex animalium", do "homo politicus", do "homo intellectualis". Trata-se de um livro destinado a pessoas que lêem nas entrelinhas, que refletem, sobretudo para nosso público universitário.

GUIDO WILMAR SASSI

Guido Wilmar Sassi é um escritor que anda meio esquecido dentro das fronteiras de nosso Estado. Não obstante, é um dos poucos nomes das letras catarinenses de real destaque nacional e autor de uma obra significativa.

Nascido em Lages, viveu a infância em Campos Novos, participou do chamado "Grupo Sul" e reside hoje no Rio de Janeiro.

Estreou na literatura em 1953 com o livro de contos "Piá", muito bem recebido pela crítica e que — como acentuou Edgard Cavalheiro — "era a revelação de um ótimo contista, hábil no captar a poesia e o drama do cotidiano e transfundidos em obra de arte".

Além desse livro, publicou "Amigo Velho", igualmente de contos, e que lhe valeu o "Prêmio Arthur Azevedo", conferido pelo INL ao melhor livro do ano no gênero conto. Lançou depois o excelente romance "São Miguel", que agora surge em segunda edição (Antares/MEC - 1979), voltando ao gênero com "Geração do Deser-

Enéas Athanázio

to", romance que foi levado à tela, em 1971, sob o título de "A Guerra dos Pelados", numa alusão aos seguidores do "monge" José Maria de Agostinho, que costumava raspar a cabeça. Fez uma incursão no gênero da ficção científica com o livro "Testemunha do Tempo".

Suas histórias ganharam as páginas de diversas antologias, a exemplo de "Maravilhas do Conto Moderno Brasileiro" (organizada por Edgard Cavalheiro), "Vinte Histórias Curtas", "Panorama do Conto Catarinense", "Assim Escrevem os Catarinenses", "Pinheirais e Marinhas", "Contistas Novos de Santa Catarina", "Antologia do Novo Conto Brasileiro", "A Cidade e as Ruas", "Imbondeiro Gigante" (publicada em Angola) e "Moderne Brasilianische Erzähler", da Alemanha Ocidental. Sem falar nas inúmeras publicações de seus trabalhos em jornais e revistas.

Classificado como regionalista dos "gerais catarinenses",



Guido Wilmar Sassi

Guido Wilmar Sassi

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

SÃO MIGUEL

Sassi iniciou nas letras brasileiras o "ciclo do pinheiro". Seu linguajar, embora explorando nuances locais, não é o fundamental de sua obra e não é sobre ele que incide sua preocupação primeira. Seria — para usar as palavras de Lauro Junkes, — um regionalista mais de fundo que de forma, ao passo que o aspecto social e humano, econômico e geográfico, sobrelevam. O pinheiro, derrubado de maneira implacável e indiscriminada, e as consequências daí decorrentes, constituem-se em temas que se envolvem constantemente nas suas narrativas.

A árvore outrora tão abundante é presença quase indispensável nos seus contos.

A devastação das matas, a extinção da fauna, o desfigurar da paisagem, as serrarias devoradoras de homens e fabricantes de aleijões, tudo se reflete na sua obra de ficção. Nesse contexto, sua obra é amarga, refletindo o inconformismo de um escritor sensível aos maléficis passos do homem na trilha da destruição da natureza e

dos seres que dela dependem.

Em "Amigo Velho", por exemplo, João Onofre sofre silencioso e vê a própria vida abreviada pelo corte de "seu" pinheiro, a árvore bendita que a ele e aos filhos alimentou nos momentos de penúria, quando a serraria já usurpara as forças dos seus melhores anos de existência. E a cruz que marcou seu túmulo miserável, por paradoxo do destino, provinha do lenho da própria árvore querida.

"Noite", outro de seus grandes contos, registra uma vingança do pinheiro. O personagem, preso no alto de seus galhos, sem meios de atingir o solo, une seus gritos inúteis aos da mulher grávida, irmanando-se na comunhão do desespero, enquanto a noite gélida caía sobre o ermo dos campos.

Escritor vigoroso, Guido Wilmar Sassi é um exemplo de ficcionista consciente e sincero, e a sua obra enriquece as nossas letras.

Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

Impressos em geral. Etiquetas, Rótulos Adesivos e Etiquetas em Nylon para Confeções. Papelaria, Artigos para Escolares, Desenho, Escritório e Engenharia.

RUA XV DE NOVEMBRO, 819 - BLUMENAU - SC
CP. 31 - FONES: 22-5412 e 22-5611

Berim - Berim

1º SUPERMERCADO DE ARTIGOS DE PERFUMARIAS DO SUL DO PAÍS

2.000 Artigos de Higiene e Tocadoir, à sua livre escolha.
Sala de Beleza.
Artigos e Móveis para Cabeleireiros.

LOJA 1
R. Nereu Ramos, 44
Fone: 22-0967
BLUMENAU SC

LOJA 2
R. Hercílio Luz, 49
Fone: 44-2122
ITAJAI SC

RECADO

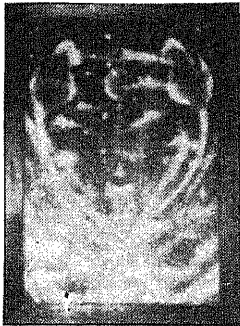
Por Vilson
do
Nascimento

PINTORES METAFÍSICOS FORMAM ESCOLA EM SANTA CATARINA

Giovani Arceno Cabral é florianopolitano mas atualmente residindo no município de Biguaçu(ex-São Miguel) região da Grande Florianópolis. Está com dezenove anos(10/10/60) e essa é sua primeira mostra individual. Ao todo são onze trabalhos, em sua maioria de médio porte, todos emoldurados. O tema é variações eleitos por Giovani Arceno em muito se assemelham às obras do também pintor florianopolitano Carlos Magno(1950). Sua técnica tinta "spray" aplicada à superfície da tela - muito pouco ou talvez até nunca explorada resulta numa tela



Giovani tendo como cenário uma de suas pinturas e na camisa, também um desenho seu.



Uma pintura de Giovani, leve e vaporosa

enxuta. A temática, assim como o resultado pictórico explorados por Giovani Cabral, como já dissemos, lembram bastante a atmosfera que envolve os trabalhos de "curvas astrais e luminosidade paradisiacas"(Adalice Araújo) de Carlos Magno. Ambos os autores de certa forma estão ligados à corrente plástica surgida entre os anos de 1915/20 e denominada "pintura metafísica". Nestes trabalhos o místico, o metafísico e o cósmico convem harmoniosamente bem. Principalmente nas obras Carlos Magno. Os trabalhos de Giovani são mais leves, mais decorativos. Monocromáticos, quase, às vezes a atmosfera é bastante onírica. E até feérica. A partir de hoje até o final do mês os trabalhos de Giovani Arceno Cabral ficarão expostos na Galeria de Artesanato Kiekri, em Blumenau, à Rua Alvin Schrader, 137.

CORPO DE DANÇA MARIA DE CARO VOLTA A DANÇAR

Após uma temporada de muito trabalho e muito aplauso, em agosto e setembro passados, quando apresentou-se em várias cidades do estado, o CORPO DE DANÇA MARIA DE CARO volta a mostrar seu espetáculo ao público blumenauense.

Nos dias 01 e 02 de dezembro, às 20,30 horas, no Centro Cultural 25 de Julho, o Corpo de Dança estará exibindo novo programa de ballet. A pedido expresso do público "da casa", algumas peças do repertório anterior serão reprisadas. Alguns bailados novos foram incluídos no programa, e desta vez incluindo 50, dos quase 100 alunos que atualmente frequentam a Academia.

O espetáculo, dirigido por Ursula Ionen e Beatriz Niemeyer, inclui novamente uma variedade de peças clássicas, modernas e folclóricas. Foi selecionado o seguinte programa:

- 1 - Dança dos Girassóis;
- 2 - Tarantella;
- 3 - Sonata em Sol Maior (de Rossini);
- 4 - La Poule (Pas de deux);
- 5 - Dança Popular Chinesa, do Shansi;
- 6 - Valsa de Copélia (Pas de trois);
- 7 - Apple (Supertramp).

2ª PARTE

- 1 - Minueto (Pas de



deux); 2 - Estudos (Villa Lobos); 3 - Aria de Bach; 4 - Fior Amorosa; 5 - Polca; 6 - Dança dos Patinadores; 7 - Dança Macabra (Saint Saens). Cultural 25 de Julho, em Blumenau, onde desde cedo encontrou todas as condições necessárias para um perfeito desenvolvimento.

DO CORPO DE DANÇA MARIA DE CARO compreende um grupo de bailarinos já formados, que constantemente desenvolve seu treino e repertório em conjunto, e uma Academia de Dança. Na Academia, os alunos tomam aulas de ballet clássico, dança moderna ou ginástica, e seus melhores elementos, após o devido treinamento, poderão vir a integrar o Corpo de Dança propriamente dito. Desde seu nascimento, o Corpo de Dança vem funcionando no Centro Uma importante filosofia

adotada pela academia, é a de não se "especializar" em apenas um gênero de dança, mas sim, a partir das técnicas tradicionais do ballet, cultivar os mais variados estilos. Desta maneira, tanto alunos como o próprio público, travam conhecimento com dança clássica, moderna e folclórica, bem como pantomima, jazz e as chamadas danças sociais e teatrais de várias épocas e países.

Para o ano que vem, por exemplo, já constam no calendário do grupo três espetáculos distintos: um programa contemporâneo, incluindo danças experimentais e expressionismo; uma montagem clássica (O Amor por Três Laranjas, de Prokofief), cheio de fantasia e pantomima; e por fim um programa de variedades que dará oportunidade aos alunos de todas as modalidades, de reunirem num só espetáculo seus diversos estilos.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE ESCRITORES TOMADA DE ASSALTO

Depois de cinco anos de inatividade, gerados por uma série de erros em sua própria constituição, a ACE - Associação Catarinense de Escritores - renasce com outros princípios e com uma transfusão de sangue Tipo - O positivo, para melhor, evidentemente

BREVE HISTÓRICO

A idéia de se formar uma Associação Catarinense de Escritores teve lugar em 1975 (janeiro) durante o 1º Encontro de Escritores Catarinenses realizado em Florianópolis.

Em julho do mesmo ano, em Joinville - durante o II Encontro, discutiu-se e aprovou-se um estatuto, foi realizada uma eleição e composta a primeira diretoria.

Posteriormente, foram realizados mais um Encontro em Lages e outro em Itajaí - III e IV respectivamente.

Além dos encontros, propriamente ditos, pouco se fez pela "finada ACE -

Associação Catarinense de Escritores" agora, passados quase cinco anos desde a primeira tentativa para se realizar uma verdadeira entidade de classe que funcionasse como um sindicato, e talvez, motivados por um anúncio publicado na primeira página do Jornal Acadêmico (edição nº 44 de maio de 1979) em que comunicava que o V Encontro de Autores Catarinenses seria em Blumenau, um Grupo em Florianópolis, tendo à frente o poeta e escritor Pinheiro Neto; movimentou-se no sentido de reativar o corpo inanimado do Frankstein da literatura catarinense.

O PRIMEIRO BRINDE A NOVA ORGANIZAÇÃO



Da esquerda para a direita - Oldemar Olsen Jr., Vilson do Nascimento, Pinheiro Neto (futuro presidente da ACE) e Roberto Diniz Saut.

Devido a surpresa da visita e por outros compromissos, chegaram atrasados os escritores Enéas Athanázio, Maria Odete Olsen, e deixaram de comparecer Bráulio M. Schloegel, José Endoença Martins, Beatriz Niemeyer, Eulália M. Radke, José Roberto Rodrigues, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, Lindolf Bell.

IDÉIAS NOVAS

Muita vontade e a esperança de poder realizar algo melhor para o autor catarinense são os sentimentos que animam e motivam todo esse movimento em função de uma reorganização da ACE.

A principal novidade para essa nova proposta, é a formação de núcleos em todo o estado. Antes, a bem da verdade, nunca foi feita uma reunião porque é quase impossível juntar toda a diretoria num único lugar para efetuar uma simples reunião. Assim, corrigindo essa falha, a Diretoria será toda de um único lugar e os Núcleos instalados em todas as principais cidades do Estado terão seus coordenadores para facilitar a comunicação entre os associados.

Existe até a idéia de se elaborar uma revista da Associação, mas por ora, é apenas uma especulação.

O PLANO DE TRABALHO

(Elaborado pela chapa da Diretoria que pretende gerir os destinos da Associação Catarinense dos Escritores no período 79/81, cujo Presidente indicado é o escritor PINHEIRO NETO)

- 01- Promover a união, a integração, o respeito e o mútuo apoio entre os escritores;
- 02- Registrar e publicar os Estatutos;
- 03- Elaborar o Regimento Interno;
- 04- Cadastrar todos os escritores residentes no Estado ou fora dele, associando-os;
- 05- Criar, gradativamente, núcleos regionais com representante da ACE, em todas as cidades do ESTADO;
- 06- Providenciar a criação de um logotipo, através concurso público;
- 07- Providenciar a padronização de papéis;
- 08- Estudar a possibilidade de filiação ou reconhecimento da ACE pela União Brasileira de Escritores - UBE;
- 09- Realizar campanha junto ao comércio

para contribuição mensal espontânea à Associação;

- 10- Participar de todas atividades oficiais e particulares, na área de Letras;
- 11- Colaborar em lançamentos de livros dos associados;
- 12- Criar um programa de co-edição com diversas editoras (oficiais e particulares) para publicação de originais de associados;
- 13- Montar esquema de trabalho junto à Imprensa do Estado e do País para divulgação maior do trabalho de nossos escritores;
- 14- Elaborar estudos sobre possibilidade de futura sindicalização;
- 15- Assessorar o associado na defesa de seus interesses no que diz respeito à editoração, direitos autorais, etc.;
- 16- Reconhecer a ACE como de utilidade pública em todos os níveis;
- 17- Elaborar estudos visando a aquisição de sede própria;
- 18- Manter uma Revista bimensal.



GETÚLIO CIDRAL
COMÉRCIO VAREJISTA DE LIVROS

VOCE ESTUDANTE ! ANOTE O RECADO.
Temos para pronta entrega o NOVO DICIONÁRIO JURÍDICO
JOSÉ DE NÁPEL, pelo melhor preço.
Ligue 22-5373

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336 - 3ª ANDAR - SALA 31
FONE: 22-5373 - BLUMENAU - SC

REFISUL S.A.

FINANCIAMENTOS
CAMINHÕES E AUTOMÓVEIS
NOVOS E USADOS
CAPITAL DE GIRO
CRÉDITO PESSOAL
LETRAS DE CÂMBIO - DL 157

Rua XV de Novembro, 1336
Edifício Brasília - Térreo - S/7
fone: 22-5660
BLUMENAU

A BRIGA PELOS DIREITOS

Discurso de Ingomar Brandes na tomada de posse do DCE

...E QUEM NUNCA
ERROU QUE JOGUE A
PRIMEIRA PEDRA



Nós estudantes consideramos este um momento histórico.

No quadro da redemocratização a que está sendo levada a sociedade brasileira os estudantes têm um papel de suma importância, reconhecido inclusive pelos maiores adversários da democracia, haja vista a repressão imposta na última década, e que inclusive ceifou a vida de saudosos companheiros. Durante muitos anos os estudantes lutaram com todas as suas forças contra o cerceamento imposto pelos decretos 477 e 288, e agora viram seus esforços coroados de êxito com uma vitória: As eleições diretas para os Diretórios Centrais e órgãos representativos. Assim, pela primeira vez foram realizadas eleições diretas para o DCE da FURB.

Devido a total falta de conscientização e apatia provocados por anos de repressão, a tarefa de fazer com que os estudantes tomassem interesse pelo movimento estudantil não foi fácil, mas com muito esforço e luta o conseguimos e o resultado aqui está.

Muito devemos aos nossos professores pelo apoio em nossas idéias de uma melhora nas atividades culturais dos estudantes. Somos também reconhecidos pela inestimável colaboração de colegas acadêmicos, que desinteressadamente, alguns já em vias de se formarem, mas que não mediram esforços e sacrifícios para a conscientização dos estudantes e a vitória alcançada.

ESTAMOS ASSUMINDO a direção do Diretório Central dos Estudantes num momento de transição, em que forças negativas no setor universitário, aliadas a interesses ainda mais negativos e imediatistas de fora da escola, procuram por todas as maneiras impedir a concretização dos ideais de nosso povo, inclusive denegando o maior patrimônio de nossa cultura, a herança jurídica recebida de nossos antepassados.

Estas diretrizes podem ser claramente percebidas por atitudes, como notícias para gerar tranqüilidade, propostas de mudanças da estrutura Universitária que são imediatamente repudiadas até pelos Reitores. Pode-se mencionar também o cerceamento da atividade Acadêmica pelo corte de verbas nos orçamentos da União e dos Estados, descendo de um nível de 15% do orçamento da União em 1955 aos atuais 4%. Existe a tentativa de implantação do ensino pago nas Universidades Federais e sua institucionalização definitiva nas particulares. Os Cursos de ciências humanas e de pesquisa são desmotivados, impedindo que se formem pesquisadores e pensadores realmente competentes. As consequências se fazem sentir com maior intensidade nas Fundações Educacionais Instituídas nas duas últimas décadas.

Diante da falta de apoio por parte dos poderes governamentais, as direções destas entidades de ensino se viram forçadas a transformar seus estabelecimentos de ensino em verdadeiras sociedades anônimas, onde os acionistas ao invés de receberem dividendos, arcam com a maior parcela das despesas provocando uma elitização cada vez mais acentuada. E o que seria o dividendo a receber, o ensino, lamentavelmente também é submetido à influência do poder financeiro. Cursos e currículos são instituídos ou mantidos de acordo com a direção do vento financeiro do momento e não segundo as necessidades da coletividade, como seria natural. Há os que afirmam que se o ensino é pago, estudam aqueles que podem arcar com as despesas, e os que não podem, devem se conformar. Esta proposta carece de lógica, pois a cultura não é um bem material, uma mercadoria que pode ser comprada ou vendida, nem é privilégio de grupos, mas aquilo que é mais nobre e digno no ser humano e que o caracteriza como tal em relação aos outros seres vivos. Então forçosamente temos que reconhecer. O sistema de ensino totalmente pago pelo estudante foge aos mais elementares princípios de lógica, e justiça.

ESTA É A SITUAÇÃO. E O FUTURO?
O QUE NOS RESERVA?
É a pergunta que todos fazem. Mas, ain-

da resta uma esperança: à medida que a Sociedade Civil for assumindo suas responsabilidades e ocupando os espaços que foram sendo cedidos pelo arbítrio, desidratado pela enfermidade que é inerente a todo sistema que ignora os Direitos da Pessoa Humana e se impõe pela força, a situação irá melhorando inclusive para o estudante, propiciando-lhe a oportunidade de um futuro mais humano, e consciente das realidades sociais, agir em consonância com os interesses do povo a que serve com seus conhecimentos.

Estamos convictos que a raiz dos problemas atuais, inclusive universitários reside justamente no abandono dos princípios democráticos e populares, únicos que se coadunam com uma sociedade civilizada. Daí o compromisso que assumimos neste instante; e que tem vários ângulos:

O principal compromisso é aquele de ouvir e sentir o drama de colegas que são muitas vezes alunos de primeira ordem, contudo não percebem nem o suficiente para sua subsistência e para estudar dependem de favores, isto quando os alcançam. Quando não, deixam de estudar, como já tem acontecido inúmeras vezes. A eles toda nossa solidariedade. Nosso compromisso é também com os colegas dos demais Diretórios Acadêmicos, procurando fazer cumprir a expressão "DEMOCRACIA NÃO SE ALCANÇA, DEVE SER PRATICADA", procurando de todas as maneiras resolver problemas e divergências num espírito de verdadeira camaradagem.

Nosso compromisso maior, porém, e com os estudantes em geral, procurando fazer ver ao Reitor e aos Diretores, que na qualidade de porta-voz dos estudantes o Diretório tem o dever de reivindicar dentro do possível, e porque não dizer dentro do impossível, devido a premença de certos problemas, como a qualidade do ensino - a qualificação de professores - taxas de matrículas e mensalidades fora das possibilidades financeiras dos alunos - problemas de alimentação e alojamento - a alienação cultural que deve ser vencida.

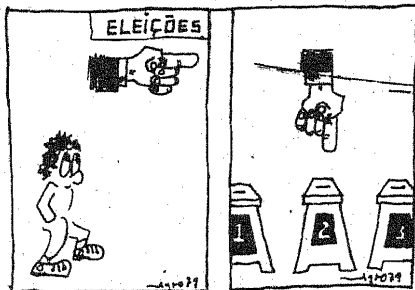
Finalmente temos um compromisso de honra. É com a Cultura Brasileira, procurando esclarecer ser esclarecidos sobre os problemas e responsabilidades que teremos que enfrentar como profissionais de nível universitário, compreendendo que, quanto mais úteis formos à sociedade, mais ela prosperará e nós com ela.

ELEIÇÕES DIRETAS PARA REITORIA

Roberto Diniz Saut

Temos claramente duas situações distintas em termos de Universidade ou melhor de Ensino Superior: aquele que é mantido na sua totalidade pelo Governo e aquele cujo patrimônio é formado por verbas estatais (no nosso caso praticamente por verbas municipais) e em grande parte pela sacrificada contribuição do estudante, perda fundamental da própria estrutura universitária. E, neste segundo caso o estudante das fundações, do ensino pago, sofre cruel injustiça da discriminação. Enquanto muitos que têm condições de pagar palmilham seus anos de ensino superior na tranqüilidade, outros devem recolher cada tostão para não pertencer ao rol dos inúmeros desistentes. Mas, o que nos importa no momento é apenas lançar esta fundamental diferença de situações para chegarmos ao tema de hoje: Eleições diretas para a Reitoria.

Nas Universidades onde o Ensino é gratuito não vemos esta premente necessidade de eleições diretas para a Reitoria, quando em termos de verba, melhor um reitor indicado pelo Governo que as mantêm do que um reitor eleito por correntes opostas. O mesmo não se configura no campo educacional, e aí não negamos que o estudante deva indiretamente participar do processo da eleição do reitor, via canais competentes. Mas, nas fundações, onde você só estuda se tiver dinheiro quente, onde as mensalidades ultrapassam três a quatro vezes e mais o salário mínimo, somando-se isto às despesas com livros, expedientes protocolares, taxas e outros, a maior justiça que poderia haver em termos de participação estudantil nas decisões da Administração da sua Universidade seria as eleições dire-



tas e abertas para a Reitoria.

Atualmente na Fundação Educacional da Região de Blumenau - FURB a eleição do Reitor é processada por indicação de lista sêxtupla, votada em reunião conjunta da Câmara de Ensino, do Conselho Universitário e do Conselho Departamental e apresentada ao Prefeito Municipal que dá sua canetada final, nomeando o Reitor dentre os seis nomes "democraticamente" apontados.

Este processo tem a participação dos estudantes, é lógico, eleitos como representantes do corpo discente junto aos órgãos diretos e educacionais da Universidade, que são em número inferior aos representantes do corpo docente e diretivo, e não levam à votação a aspiração da maioria dos estudantes por não consultá-los anteriormente através de uma eleição prévia entre o corpo discente das faculdades. Assim, evidencia-se o autêntico processo indireto de eleição da Reitoria, castrando mais uma vez a participação política do estudante, principalmente aquele que paga para ser considerado como tal.

O Reitor deveria ser eleito diretamente pelos estudantes e pelos professores. E como candidatos, deveriam apresentar publicamente suas plataformas. Candidatos, porque espontaneamente dir-se-iam candidatos sem qualquer influência promocional de grupos interesseiros. Candidatos porque acreditando numa causa em que eles próprios são capazes de desenvolver e defender.

Candidatos porque naturalmente sentem a forte necessidade de quebrar os limites do conceito concreto a que as Universidades se restringem por circunstâncias situacionais e constitucionais.

Após este processo natural de auto-candidatura proceder-se-ia a eleição de um candidato, por faculdade, aberta, livre e secreta e a indicação de um candidato, representante da própria Reitoria. Essas eleições prévias apontariam os nomes já livremente escolhidos para a reta final do processo, em que, alunos e professores elegeriam o Reitor e o Vice-Reitor. Ao Prefeito Municipal caberia o ato de nomeação do Reitor e do Vice.

No atual sistema a preferência antidemocrática recai, como responsabilidade vinculada, ao Chefe do Executivo, que pode ser influenciado até por correntes situacionais antidesenvolvimento da própria Universidade. Podem ocorrer pressões a tal ponto "impressionantes" sobre a nomeação "ou momentos antes da nomeação" do Reitor que a indicação do mesmo venha ferir os anseios mais básicos, lógicos da livre vontade, já porque o Executivo Municipal fica limitado a seis nomes, entre os quais, por erro até de tática influencial da estrutura administrativa, e política da Prefeitura, não esteja o preferido do Governo local. Pode acontecer que o Executivo não interfira no processo universitário, por respeitar o anseio daqueles que diretamente vivem os problemas da Universidade. Pode acontecer, também, que não ocorram pressões. Mas, com a eleição direta a luta pela Reitoria seria ampliada a um campo de argumentações, forças, debates, pressões democráticas e à soma de interesses os mais diversos, dando margem à conclusão eleitoral, fruto da consciência da maioria sobre as necessidades, sobre os problemas, sobre a situação, sobre o desenvolvimento e os nobres fins e finalidades da Universidade.

O estudante deve ser acionado sob todos os ângulos: do ensino-aprendizagem, da política estudantil, de todos os papéis que pode representar uma Universidade inserida no contexto social. Assim, sua participação efetiva, direta e livre na eleição do Reitor, possivelmente iria proporcionar ao mesmo, maior motivação nos trabalhos e, no papel que poderia desenvolver e representar para a Universidade e para a comunidade. O estudante estaria sendo preparado para responsabilidades maiores, políticas do seu país, aprendendo a escolher, com consciência, o dirigente maior da instituição que será responsável em grande parte pelo sucesso profissional e de adaptação ao desenvolvimento do país, como minuta do exemplo que nesta mesma comunidade iria acontecer em termos de Brasil.

Todos podem afirmar que a legislação não permite tal abertura e a possibilidade de tamanho sonho. Muito bem, e até muito bem lembrado: "Legislação, "Leis"... que podem, contudo, ser revogadas, cedendo lugar a atitudes e realidades mais próprias do ideal humano: a livre contada de escolha dos homens mandantes e responsáveis pelas coisas públicas.

Reitoria eleita pelos estudantes: uma utopia? Indesejável por muitos? Talvez... Você, professor, poderá num futuro breve, configurar como forte candidato à Reitoria... se os estudantes aceitarem sua plataforma de trabalho. Coragem!

Flamingo
BLUMENAU
ITAPEMA
FLORIANÓPOLIS